XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

MOTIVAÇÕES DE IDOSOS PARA PARTICIPAR EM GRUPOS DE CONVIVÊNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Aline Oliveira Dias
Luciana Karine de Souza

RESUMO

O presente estudo consiste em um levantamento bibliográfico realizado nas bases de dados BVS e SCIELO acerca das motivações de idosos para participar de Grupos de Convivência apontadas pela literatura científica nacional. Além da busca, é objetivo do estudo discutir os motivos comumente encontrados na literatura, a fim de instigar a necessidade de realizar estudos futuros que tentem responder a questionamentos advindos desta busca.

ABSTRACT

The present study consists of a literature review in the databases BVS and SCIELO about the motivations of seniors to participate in social groups, appointed by the national scientific literature. Besides the search, the study objective is to discuss the reasons commonly found in the literature in order to instigate the need for future studies that attempt to answer questions from this search.

RESUMEN

El presente estudio consiste en una revisión de la literatura en las bases de datos BVS y SCIELO sobre las motivaciones de los adultos mayores a participar en los grupos sociales, designados por la literatura científica nacional. Además de la búsqueda, el objetivo del estudio es analizar las razones que se encuentran comúnmente en la literatura con el fin de instigar a la necesidad de futuros estudios que tratan de responder a las preguntas de esta búsqueda.

INTRODUÇÃO

O presente estudo consiste numa revisão de literatura elaborada a partir de um levantamento realizado entre os meses de maio a agosto de 2010 - através da conjunção dos termos lazer e idosos; lazer e velhice; lazer e terceira idade; lazer e grupos de convivência – nas bases de dados BVS (**http://regional.bvsalud.org/php/index.php**) e SCIELO (**http://www.scielo.org/php/index.php**). Trata-se assim, de um levantamento bibliográfico acerca das possíveis motivações de idosos (sujeitos com idade igual ou superior a 60 anos de idade, conforme o Estatuto do Idoso, 2003, artigo 1º) para optar em

participar ou não de Grupos de Convivência (GCs), espaços destinados à oferta de atividades de lazer específicas a essa faixa etária.

Diante de diferentes tipos de programas para idosos existentes no Brasil, com diversificadas denominações e objetivos, algumas reflexões tornam-se necessárias, motivando a realização deste estudo. Será que esses GCs, apresentam uma compreensão heterogênea de envelhecimento? Os idosos realmente estão encontrando nesses programas a oferta de lazer que procuram? Esses indivíduos possuem preferência por esses espaços verdadeiramente por escolha ou pela ausência de outras opções? Há dependência dos velhos com relação a esses espaços quando pretendem obter experiências de lazer? Há dependência desses indivíduos com relação a outras pessoas quanto à suas opções de lazer? Quais as diferenças de gênero quanto às escolhas de práticas de lazer, e estas estão sendo atendidas de forma igualitária? São estas perguntas de pesquisa que fundamentam esta pesquisa bibliográfica. Pesquisa esta que tem como questão central buscar e discutir o que já foi produzido na literatura acerca de possíveis motivos para justificar a participação ou não de idosos em um GC. Ou seja, analisar quais as motivações desses sujeitos a fazer ou não parte de um desses programas, sendo motivação definida por Carstensen (1995) como a condição consciente ou inconsciente do organismo que conduz a uma direção, a um modo de agir, a uma escolha. De forma que na velhice, as escolhas, segundo a autora, são mais criteriosamente avaliadas, conforme as emoções que podem causar.

Motivos relacionados à saída dos idosos dos GCs ou à não participação nesses grupos

Percebe-se, na literatura nacional, pouco aprofundamento no estudo dos fatores que impulsionam os idosos a fazer parte ou não de GCs. Como motivos para desistência ou, inclusive, da não participação dos idosos em programas de lazer ou de exercício físico específicos a essa faixa etária, em geral a literatura nacional indica problemas de saúde do idoso ou do cônjuge, morte do cônjuge ou de familiares, ou dificuldade de deslocamento até o local onde o grupo se encontra (CARDOSO e colaboradores, 2008; VAROTO, TRUZZI e PAVARINI, 2004; GOMES E PINTO, 2007). Gomes e Pinto (2007) ainda destacam a falta de alguém que acompanhe e motive o velho para a realização da atividade, de dinheiro para custeá-la, de mobilização pessoal para mudar a rotina, a violência urbana, e a crença de inadequação de algumas experiências de lazer à idade avançada.

Nesse sentido, é importante verificar motivos não relacionados à condição fisio-patológica do idoso e/ou de familiares nessa desistência e, anterior a isso, a não adesão de muitos idosos a esses programas. Esses dados auxiliariam no planejamento desses programas e na construção de outras possibilidades dentro da sociedade que atendam esse público quanto à oferta de lazer. Por exemplo, quanto à crença de inadequação etária de algumas experiências de lazer (GOMES e PINTO, 2007), autores destacam a necessidade de combate-la. Pereira, Pereira e Morelli (2006) relatam que essa concepção é responsável pelo olhar preconceituoso e generalizante, tanto da sociedade com relação ao idoso, como do idoso em relação a si mesmo. Essa visão, por sua vez, produz uma classificação dessa faixa etária como limitada física e culturalmente, restrita a pequenos interesses específicos aos velhos, e incapaz de se interessar e praticar determinadas atividades.

É um desafio para a Gerontologia desconstruir a velhice como etapa homogênea, na qual os sujeitos enfrentam todos os mesmos problemas, desconsiderando gênero, classe, religião, etnicidade (COSTA, 2001). Este desafio deve ser enfrentado nos estudos de lazer, pois, segundo Uvinha (1999, p.157), "aplicar o estudo do lazer na faixa etária 'terceira idade' não significa considerar necessariamente este público em uma categoria fechada, concebido de forma universal e sem relação com a sociedade".

Somente confrontando a ideia de homogeneização desse público nos estudos de lazer é que poderão ser compreendidas as verdadeiras necessidades dos idosos dentro da relação de demanda e oferta de práticas de lazer. Afinal, como destacam Rezende (2008) e Melo (2003), é preciso atentar-se à glamourização dessa faixa etária. Esta glamourização classifica os velhos como indivíduos engajados socialmente, detentores de maior tempo livre, privilegiados por possuírem a idade que possuem. Mas isso, na verdade, tende a negar a velhice em toda a sua especificidade e, ao mesmo tempo, em sua heterogeneidade. Alves Junior (2004) complementa Rezende (2008) e Melo (2003) ao destacar que o perigo de considerar a velhice como um período no qual o ser humano tem acesso a tudo consiste em ignorar as diferenças sociais, as desigualdades e injustiças que assolam grande parte da população brasileira.

Ao mesmo tempo, é um equivoco idealizar os idosos como um grupo detentor de interesses comuns quanto ao tempo disponível para o lazer e às escolhas dentro desse tempo. Consequentemente, uma perspectiva multicultural de sociedade deve ser a base dos estudos e dos programas de lazer, considerando que cada sujeito apresenta uma trajetória histórica e sócio-cultural peculiar (MELO, 2003). Assim, será mais fácil visualizar que os velhos, apesar de constituírem um mesmo grupo etário, são diferentes uns dos outros por traçarem desenhos de vida individualizados e, por sua vez, possuírem anseios diferenciados. Dessa forma, para atender às múltiplas expectativas, não cabe o ideal de um único tipo de programa de lazer para todos os idosos.

McPherson (2000), em estudo desenvolvido para auxiliar a Comissão direcionada à Terceira Idade da *World Leisure and Recreation Association - WRLA* (Associação Mundial de Lazer e Recreação) e também pesquisadores e profissionais do campo do lazer a construir parâmetros de pesquisa e a melhor considerar a questão do idoso e sua relação com o lazer, aponta esses dois lados – idoso e programa – do perigo da homogeneização:

> Aqueles que se dedicam a fornecer serviços ou produtos de lazer precisam analisar as mudanças no tamanho, na composição e na distribuição da população idosa e de meia-idade. (p. 234)

Os equívocos da generalização encontram-se por toda parte, em vários estudos e programas de lazer. A ideia de que o idoso é o indivíduo que dispõe de maior tempo livre, ao qual devem ser direcionados projetos de viagens, por exemplo, desconsidera se esse idoso gosta realmente de viajar e se o mesmo possui realmente tempo livre para usufruir tais projetos. Um programa de viagens para a terceira idade que considere a afirmação de Pereira, Pereira e Morelli (2006, p.2), de que os idosos "na sua maioria, são pessoas com tempo disponível para viajar o ano todo", pode estranhar caso o número de inscritos não atinja o mínimo esperado. Nesse sentido, Uvinha (1999, p.158) argumenta que

> em nível de senso comum pode parecer que, após a vida do trabalho, o idoso desfruta integralmente de um tempo que é *livre* e automaticamente ligado ao *lazer*, numa relação ao meu ver mecânica e reducionista.

A este respeito, Melo (2003) aponta que muitos idosos exercem trabalho informal, obrigações familiares, prestam serviços para instituições de naturezas diversas, ou retornam ao mercado formal de trabalho.

De forma semelhante, é impreciso considerar que os membros desse grupo etário gostem apenas de certos conteúdos culturais. Esse fato pôde ser percebido no estudo de Gomes e Pinto (2007), o qual

buscou identificar e analisar o que os idosos que participam de um projeto de extensão universitária compreendem como lazer, através de quais atividades vivenciam e alguns fatores que interferem na efetivação de suas experiências. O estudo evidenciou que os sujeitos investigados mencionaram atividades que podem ser relacionadas a todos os interesses do campo do lazer (físicos, artísticos, manuais, intelectuais e sociais), sugeridos por Dumazedier (1976), pelos interesses turísticos propostos por Camargo (1980) e virtuais propostos por Schwartz (2003). Dessa forma, através dessa relação encontrada nesse estudo de Gomes e Pinto (2007), foi possível suprimir a ideia de que o envelhecimento limita a vivência de diversificados conteúdos culturais.

É importante também salientar que esses conteúdos do campo do lazer (físicos, artísticos, manuais, intelectuais e sociais) não são exclusivos a esses locais de oferta de lazer específica aos idosos. Esse fato pode estar relacionado com a opção de muitos por saírem desses locais e de outros por não ingressarem nos mesmos. Há alguns aspectos que merecem ser estudados com relação à opção dos idosos por outros contextos.

A organização de programas de lazer exclusivos para a terceira idade desperta interesse em certos idosos. Contudo, não agrada outros, pois estes podem preferir locais onde há contato com outras gerações. Magnani (2009), em discussão acerca da baixa participação masculina nesses programas, aponta que

> ao invés de serem confinados a lugares específicos, poder-se ia pensar em formas de ampliar seu direito de circular, de usufruir. Se, de um lado é um direito seu ter espaços e instituições para o exercício de uma sociabilidade peculiar (com oferecimento de cuidados também peculiares) por outro lado cabe considerar que a cidade, na diversidade de seus espaços e equipamentos, abre um leque muito mais rico, mais amplo. (p.10)

Alves Junior (2008) concorda com Magnani (2009) ao expor sua preocupação com a segregação desse público, a fim de evitar a constituição de "guetos de idosos". Do mesmo modo que a redução de idosos a certos espaços pode levar à falta de interesse dos mesmos por esses locais, a redução do lazer à prática de atividades físicas pode proporcionar os mesmos resultados. E, no entanto, é recorrente verificar a existência de estudos que fazem essa relação. A título de exemplo, Miranda, Guimarães e Simas (2007), analisaram os hábitos de lazer e estilo de vida de 23 padres e 49 freiras em Florianópolis (SC), com média de 75 anos de idade. Esses autores consideraram lazer e atividade física como sinônimos, sendo o lazer ativo aquele em que há prática de atividade física, de forma que aconselham a criação de políticas públicas que estimulem a prática de atividade física orientada e regular para os idosos religiosos.

Finalmente, cabe pensar que muitos idosos podem optar por não participar ou por sair desses programas simplesmente porque preferem ocupar seu tempo livre com atividades individualizadas, ou até mesmo fazer absolutamente nada. Melo (2003) destaca a necessidade de não classificar o tempo de lazer dentro de uma ótica funcionalista. Essa ótica engloba dois aspectos a serem rompidos, conforme o autor. Primeiro, a importância de deixar de visualizar o lazer superficialmente como atenuante de problemas sociais que envolvem os velhos, como questões de saúde e morte de familiares. Segundo, a quebra com o funcionalismo advento do sistema capitalista, em que o tempo de lazer deve ser ocupado sempre e com atividades consideradas produtivas.

Compreender o idoso que não obedece a essa ótica funcionalista é perceber que esse idoso também pode não se enquadrar no ideal de um idoso ativo. Debert (1999) evidencia a construção desse ideal. A autora relata que os estereótipos antigamente elaborados acerca dos velhos como seres solitários e abandonados, vem sendo substituídos pela imagem do idoso ativo. Trata-se de um idoso capaz de:

oferecer respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais, remodelar identidades anteriores, adquirir novas formas de sociabilidade e de lazer, e relacionar-se com amigos e familiares. Esse processo foi traçado pela soma de ações diferenciadas dentro da sociedade. Primeiramente, pela afirmação das organizações estatais e privadas dos programas para a terceira idade como respostas privilegiadas aos problemas sociais relacionados à faixa etária. Em segundo lugar, pela veiculação midiática, nas suas diversas facetas, da *celebração do envelhecimento*, como conceitua Debert (1999). Essa celebração considera esse período da vida como detentor de privilégios para a realização pessoal, e abrange a ideia de eterna juventude, obtida facilmente através de novas formas de se vestir, de obter lazer, de se relacionar. Em terceira instância, pela necessidade de a Gerontologia se readaptar a essas novas representações, sendo os gerontólogos muitas vezes consultados pelos meios de comunicação para descobrir como evitar as mazelas da velhice. Segundo Debert (1999) o reflexo negativo dessa construção imagética é considerar o envelhecimento como problema social, mas de responsabilidade individual. Ou seja, só apresenta dificuldades aquele individuo que não busca ser diferente, não se empenha numa nova carreira, não adere novas atividades de lazer, não ingressa em programas de manutenção corporal. A responsabilidade pelo modo de envelhecer seria toda direcionada ao próprio velho.

O lazer aparece, nesse sentido, como uma estratégia de evitar a velhice, possível de ser acessada por todo idoso. Na visão de Rodrigues (2002, p.106), "dentro de uma visão funcionalista e compensatória, o lazer vem, sob as vestes da saúde, trazendo a ideia da necessidade de manter uma vida ativa, adotar novas formas de comportamento levantando a bandeira da eterna juventude". E justamente esse modo de enxergar o lazer pode ocasionar, muitas vezes, o efeito contrário ao esperado pelos programas ofertados: o afastamento do velho, por não se identificar com essa concepção.

Acaba-se caracterizando o envelhecimento ativo como uma condição fundamental para um envelhecimento bem-sucedido (ALVES JUNIOR, 2008) sem, contudo, observar a realidade da maioria idosa brasileira e o acesso real dos velhos ao que é ditado como necessário para obter esse envelhecimento. A partir daí cria-se uma série de necessidades julgadas como características dessa faixa etária, sem muitas vezes se conhecer o posicionamento e as vontades desses indivíduos. Nesse aspecto, há o risco, conforme Melo (2003), de o lazer começar a ser visto como estratégia de mercado, como possibilidade de gerar lucros através de serviços direcionados aos velhos, elaborados sem convidar esses indivíduos a questiona-los e construí-los. Desse modo, objetiva-se, no presente projeto, evitar as representações socialmente construídas das escolhas dos velhos, e propor questionamentos direcionados ao idoso, que busquem, verdadeiramente, averiguar o interesse de idosos por certas práticas de lazer.

Motivos relacionados à busca de idosos por programas de lazer e à permanência desses por tempo prolongado

Há uma boa quantidade de estudos que disponibilizam dados obtidos através de entrevistas e questionários acerca dos fatores que levam idosos a participar de programas de lazer específicos à sua faixa etária, e/ou a permanecer nesses locais por determinado tempo. Porém, há escassez de estudos que aprofundem as escolhas desses indivíduos, desconsiderando, por exemplo, uma possível relação de dependência dele com o programa.

Obviamente que o presente trabalho reconhece as oportunidades e ganhos dos idosos com esses programas. Afinal, a literatura científica nacional sobre o tema demonstra que os idosos:

- buscam projetos de extensão universitária por considera-los como experiência de lazer (GOMES e PINTO, 2006);

- recorrem a universidades abertas para a terceira idade para adquirir novos conhecimentos, busca por novas amizades, um novo sentido de vida, ocupação do tempo livre e lazer (SOUZA, 2001, 2004);
- participam de programas de lazer por aumentar o processo de integração entre as pessoas, a participação social, a ampliação dos laços de amizade, enfim, a sociabilização, fator motivacional para a escolha de práticas de lazer (PEREIRA, PEREIRA e MORELLI, 2006; OLIVEIRA e CABRAL, 2004; GOMES e PINTO, 2007; FENALTI e SCHWARTZ, 2003; GASPARI e SCHWARTZ, 2005; SOUZA e GARCIA, 2008);
- com estes espaços coletivos procuram manutenção do equilíbrio biopsicossocial (PENNA e SANTO, 2006), promoção da saúde por recomendação médica (PENNA e SANTO, 2006), atenuação ou afastamento de dores pré-existentes (GOMES e PINTO, 2007), melhoria da saúde em geral (FENALTI e SCHWARTZ, 2003) e da qualidade de vida (GASPARI e SCHWARTZ, 2005);
- objetivam ampliação da vontade de viver (GOMES e PINTO, 2007; FENALTI e SCHWARTZ, 2003); e
- estão nestes projetos/programas/grupos pela extinção da solidão e aumento da auto-estima (BULSING et al, 2007).

Entretanto, um dos pontos necessários à investigação científica, mesmo diante de tantas contribuições desses espaços para o tempo de lazer e para a própria vida dos idosos, são as relações de dependência, seja com o local em si (e, por sua vez, com as atividades oferecidas), seja com os demais idosos, especialmente se a companhia é o fator motivacional para frequentar esses espaços. Afinal, conforme Baltes e Silverberg (1995), dependência implica num estado em que o indivíduo apresenta incapacidade de agir, nos mais diversos âmbitos, de modo satisfatório sem a ajuda de outrem. As autoras compreendem a importância do apego e das relações ao longo de todo o ciclo vital, mas alertam para a diferença entre apego seguro e inseguro. De acordo com elas, o apego seguro refere-se ao reconhecimento por parte do indivíduo de que necessita de ajuda e contato com outros, o que é benéfico, inclusive, para a construção e re-construção da autonomia individual. Ao contrário do apego inseguro, onde o indivíduo apoia-se totalmente em outro ou numa instituição, ferindo a sua capacidade autônoma.

E, o posicionamento do idoso como um sujeito dependente de uma figura poder, como um coordenador de um programa, por exemplo, ou de alguma instituição, não é raramente encontrado. Kroeff (2001) investigou como os idosos de oito grupos (sete subgrupos e o grupo principal) que representam a Universidade para a Terceira Idade (UNITI/UFRGS) se organizavam e tomavam decisões no interior desses grupos. O estudo verificou que a grande maioria dos idosos reivindicava o papel de um líder como o coordenador para tomar decisões pelo grupo, mesmo quando os próprios coordenadores incentivavam os indivíduos a exercerem sua autonomia. A autora concluiu, nesse estudo, que "a tendência é que as pessoas desta faixa etária mantenham vínculos de dependência onde são mais sujeitadas do que sujeitos. Preferem ficar com *o poder* de conceder *o poder* ao outro e, assim, responsabiliza-lo pelas ações" (2001, p.119).

Outro ponto importante é o aspecto econômico, que também pode fundamentar a dependência de um determinado local no qual os gastos com o lazer são irrisórios ou inexistentes. Na pesquisa de Gomes e Pinto (2007), a maior parte dos idosos estudados, a despeito de renda própria, realiza atividades de lazer sem gastos significativos ou. Nessa direção, é possível que alguns idosos – provavelmente os que não tem renda individual – dependam desses espaços para obter determinadas práticas de lazer, não tendo a oportunidade de vivenciar outras, pagas, que respondam a seus anseios.

Outro aspecto a ser considerado é a falta de atitude e motivação individual dos idosos, de modo que podem acabar se restringindo a esses espaços para a busca de lazer, não se configurando como capazes de procurar o que gostam por conta própria. Oliveira e Cabral (2004), no estudo que objetivou compreender as experiências de sociabilidade durante as atividades de lazer nos GCs de camadas populares de Campina Grande (PB), investigaram os idosos que não possuem outros meios ou recursos para desenvolver atividades de lazer fora do âmbito familiar. Eles relataram que para os entrevistados os recessos do grupo são encarados com ansiedade, com elevada expectativa pelo retorno às atividades, uma vez que os mesmos apenas saem de casa para ir aos grupos e se divertir. Essa afirmação demonstra a dependência desses velhos ao espaço frequentado, o que confirma a necessidade de se investigar com maior profundidade se a opção dos idosos é pautada em vontades próprias ou em situações de dependência.

A compreensão das diferenças de sexo nas escolhas de lazer

Percebe-se na literatura nacional uma abordagem muito maior das práticas de idosas brasileiras do que de idosos. Claro que essa abordagem apresenta relação com o fato de as mulheres possuírem maior longevidade que os homens. Entretanto, ela não explica a baixa adesão masculina aos programas de lazer destinados à terceira idade.

Ruschel (1998), em estudo acerca do envelhecimento e diferenças de gênero, evidencia que as próprias mulheres que frequentam a Universidade para a Terceira Idade (UNITI/UFRGS) questionam-se sobre a baixa participação masculina no programa. A autora atribui essa diferença de adesão à inversão dos locais frequentados por homens e mulheres, na velhice. Afinal, segundo a mesma, o homem, que passou maior parte do tempo fora de casa devido ao trabalho, na velhice, com a aposentadoria, prefere permanecer no lar, enquanto a mulher, que cuidou da casa toda a vida, passa a se interessar por outros ambientes, a fim de estabelecer novas interações sociais. O estudo de Areosa, Bevilacqua e Werner (2003), que investigou idosos que frequentam grupos de convivência no município de Santa Cruz do Sul, a fim de traçar o perfil desses idosos, contribui para reforçar essa ideia. Afinal, a pesquisa verificou que grande parte das mulheres havia sido, ao longo da vida, dona de casa ou, no caso das que residiam no meio rural, agricultora, enquanto a grande maioria dos homens teria exercido cargos externos ao ambiente familiar, como o de profissional autônomo, comerciante, funcionário público.

Moragas (1997, p.223) pondera que, "entre ambos os sexos, existem diferenças no lazer dos idosos, como existem diferenças entre o lazer de meninos e de meninas, ou de homens e de mulheres maduros". Essa afirmação condiz com a realidade, sendo que o mais importante é compreender essa diferença e não se surpreender com ela. Devem ser buscadas ações que incentivem as práticas de lazer preferidas por homens, e não somente as por mulheres, como muitas vezes acontece. O estudo de Fenalti e Schwartz (2003) mostra essa preocupação em compreender os diferentes anseios ao questionar homens e mulheres da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre sugestões de mudanças. Os homens indicaram a necessidade de formar equipes esportivas para competir, proporcionar maior número de viagens, diminuir período de férias; as mulheres, além de concordarem com os homens, sugeriram cursos de danças, aulas de hidroginástica e de natação, construção de uma piscina térmica, cursos de línguas, cursos de culinária e aulas de instrumentos musicais.

A pesquisa de Scheuermann e Acosta (2007) analisou o comportamento de participantes de festividades para idosos na cidade de Santa Maria (RS). Os autores apresentaram preocupação em compreender as preferências masculinas. Os autores alertam para a necessidade de maior aprofundamento

acerca destas últimas, uma vez que os homens estão se interessando mais por atividades em grupo, sendo perceptível o aumento da participação masculina.

Coutinho e Acosta (2009), ao observar a baixa participação masculina nos grupos de terceira idade da cidade, dedicaram-se a verificar as atividades de lazer realizadas por idosos homens residentes em Santa Maria (RS). Esse estudo tornou-se importante dentro dessa necessidade de estudar melhor as preferências dos homens velhos. No entanto, apresenta limitações metodológicas, pois se baseou apenas em observação-participantes sem acessar diretamente a opinião dos participantes. Através do estudo conduzido, Coutinho e Acosta (2009) destacam que as diferenças de sexo no lazer advêm de questões culturais desenvolvidas ao longo da vida. Argumentam que o homem, por ter ficado mais tempo fora do lar devido ao trabalho anterior à aposentadoria, prefira, quando idoso, permanecer mais em casa ou em locais calmos onde seja possível conversar e realizar atividades relaxantes. De outro lado, os autores acreditam que a mulher, por ter tido ao longo da vida experiência contrária (ter permanecido no lar, para cuidar dos afazeres domésticos), opta por sair, fazer novas amizades, praticar atividades físicas, realizar o que antes não teve oportunidade de fazer. Coutinho e Acosta (2009) perceberam, ainda, que os homens se engajam mais em atividades físicas coletivas e de caráter competitivo, pois foram encontrados em clubes onde há oferta de jogos como bocha, sinuca e jogo de cartas.

Desse modo, reafirma-se a necessidade de estudar as opções de lazer dos homens velhos, uma vez que, se o lazer na velhice fundamenta o objeto de pesquisa do presente projeto, o lazer masculino na terceira idade deve ser incluído em seus objetivos. Assim, aprofundar o conhecimento disponível sobre o lazer do homem idoso poderá contribuir para ações públicas e programas de lazer no sentido de atender melhor às expectativas desses indivíduos. E, a fim de se compreender o papel do lazer no envelhecimento, é importante destacar que

> ações destinadas aos grupos de convivência de idosos devem considerar o universo feminino na terceira idade e suas peculiaridades, ao mesmo tempo em que considerem alternativas que atraiam os homens, favorecendo sua integração social, informação, lazer e qualidade de vida. (Borges e colaboradores 2008, p.2803).

DISCUSSÃO

Além das motivações encontradas na literatura científica nacional, cabe, em estudos futuros, verificar os motivos que conduzem idosos a não se interessar em sequer participar dos GCS, e ainda, analisar possíveis relações de dependência de idosos com relação ao programa em que participa e às atividades oferecidas por esse programa. Afinal, será que esses indivíduos verdadeiramente escolhem suas preferências de lazer? Quais as preferências de lazer daqueles que não se interessam por esses espaços?

Esses questionamentos somente serão respondidos se for dado aos sujeitos de interesse, ou seja, os idosos, o direito a pensar e a participar de suas escolhas. Melo (2003) atenta para a necessidade de considerar os idosos como agentes de suas escolhas de lazer, e não apenas como receptores. Para Gomes e Pinto (2006) o desenvolvimento da autonomia do idoso com relação à escolha das práticas de lazer baseia-se, dessa forma, em duas responsabilidades – pessoal e social. Segundo os autores,

> por um lado, ainda é necessária uma conscientização dos idosos para que se informem sobre as atividades de lazer que acontecem na cidade e se mobilizem para vivenciá-las. Por outro lado, os responsáveis pela promoção dessas experiências precisam ampliar a divulgação dos eventos e

> propostas socioculturais que possibilitem a participação do público idoso, proporcionando-lhe maior acesso e diversificação de suas vivências de lazer. (p.128)

Afinal, é importante, para realizar eficientes estudos acerca do lazer do idoso, perceber se esses idosos realmente praticam o que gostam, e quão limitantes são as relações de dependência. Além disso, cabe também pensar quais ações podem contribuir para situa-lo como agente de suas práticas de lazer, conduzindo-o para além dos muros de uma instituição, possibilitando, por sua vez, a oportunidade de outros velhos – os quais ocupam filas de espera intermináveis – de participar dessas ricas experiências de lazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. Procurando superar a modelização de um modo de envelhecer. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 02, mai/ago 2004. p. 57-71.

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. Lazer, idosos e aposentados: o projeto Prev-quedas. In: ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond; MELO, Victor Andrade de; BRÊTAS, Angela. *Lazer & cidade:* reflexões sobre o Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p. 149 – 217.

AREOSA, Silvia Coutinho; BEVILACQUA, Patrícia; WERNER, Juliana. Representações sociais do idoso que participa de grupos para terceira idade no município de Santa Cruz do Sul. *Estudos Interdisciplinares em Envelhecimento*, Porto Alegre, v.5, p.81 – 100, 2003.

BALTES, Margret M.; SILVERBERG, Susan. A dinâmica dependência-autonomia no curso de vida. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.) *Psicologia do envelhecimento*. Campinas/SP: Papirus, 1995. p.73 – 110.

BORGES, Paula Lutiene de Castro e; BARROS, Rose Procópio; AZEVEDO, Silvana Fernandes de; BARBOSA, Juliana Magalhães Machado. Perfil dos idosos frequentadores de grupos de convivência em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(12), 2008. p. 2798 – 2808.

BRASIL. Senado Federal. Estatuto do Idoso. Brasília: Senado Federal, 2003. Disponível em: http://www.direitodoidoso.com.br/05/estatuto_do_idoso.pdf Acesso em 16/07/2010.

BULSING, Francine Letiele; OLIVEIRA, Kênia Fernandes de; ROSA, Luana Maria Kilian da; FONSECA, Lunara da; AREOSA, Silvia Virginia Coutinho. A influência dos grupos de convivência sobre a auto-estima das mulheres idosas do município de Santa Cruz do Sul – RS. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 4, n. 1, jan./jun. 2007. p. 11-17.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. *O que é lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

CARDOSO, Adilson Sant'Ana; BORGES,Lucélia Justino; MAZO, Giovana Zarpellon; BENEDETTI, Tânia Bertoldo; KUHNEN, Anna Paula. Fatores influentes na desistência de idosos em um programa de exercício físico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 01, jan/abr 2008. p. 225-239b.

CARSTENSEN, Laura. Motivação para contato social ao longo do curso de vida: uma teoria de seletividade socioemocional. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.) *Psicologia do envelhecimento*. Campinas/SP: Papirus, 1995. p.111 – 144.

COSTA, Maria Izabel Tavares Pereira. *Reflexões sobre o idoso na sociedade contemporânea: O lazer como um mero produto a ser consumido na velhice?*
(Especialização em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. 38f.

COUTINHO, Renato Xavier; ACOSTA, Marco Aurélio de Figueiredo. Ambientes masculinos da terceira idade. *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(4), 2009. p. 1111 – 1118.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice:* Socialização e processos de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo – FAPESP, 1999. 253 p.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular.* São Paulo: Perspectiva, 1976. 333p.

FENALTI, Rita de Cássia de Souza; SCHWARTZ, Gisele Maria. Universidade aberta à terceira idade e a perspectiva de ressignificação do lazer. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, 17(2). Jul/dez 2003. p. 131 – 141.

GÁSPARI, Jossett Campagna de; SCHWARTZ, Gisele Maria. O idoso e a ressignificação emocional do lazer. *Psicologia:* Teoria e Pesquisa, v.21, n.1. jan/abr 2005. p.69 – 76.

GOMES, Christianne Luce; PINTO, Gabriela Baranowski. O lazer na velhice: reflexão sobre as experiências de um grupo de idosos. *Kairós*,São Paulo, v.9, n.2, p.113-133,dez. 2006.

GOMES, Christianne Luce, PINTO, Gabriela Baranowski. Pesquisando o lazer de um grupo de idosos no Brasil. *Revista Digital* - Buenos Aires - Año 11 - N° 106 - Marzo de 2007.

KROEFF, Locimara Ramos. O idoso e o seu processo grupal institucional num programa para idosos. *Estudos Interdisciplinares em Envelhecimento,* Porto Alegre, v.3, 2001, p.103 – 121.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. *O homem idoso e sua participação social:* lazer, militância política e cultural. Seminário envelhecimento masculino, 2009 - SESC Avenida Paulista.

MCPHERSON, Barry. Envelhecimento populacional e lazer. In: *SESC/WRLA Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC, 2000. p. 227-249.

MELO, Victor Andrade. Programas de lazer para idosos no Brasil; Sugestões com base em um panorama. In: MELO, Victor Andrade de. *Lazer e minorias sociais*.São Paulo: Ibrasa, 2003, cap.2, p.57-71.

MIRANDA, Letícia de; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo; SIMAS, Joseani Paulini Neves. Estilo de vida e hábitos de lazer de freiras e padres idosos de Florianópolis/SC.*Rev. Brasileira de Ciência e Movimento*,Brasília/DF, v.15,n.1, p.15-22, 2007.

MORAGAS, Ricardo Moragas. *Gerontologia social:* envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo, Paulinas. 1997. 288p.

OLIVEIRA, Maria da Guia de; CABRAL, Benedita Edina da S.L. O lazer nos grupos de convivência para idosos: prática renovada de sociabilidade. *Anais do VII Encontro Latino Americano de Iniciação Cientifica e IV Encontro Americano de Pós-Graduação*, Universidade do Vale do Paraíba, 2004. p. 1632 – 1638.

PENNA, Fabíola Braz; SANTO, Fátima Helena do Espírito. O movimento das emoções na vida dos idosos: um estudo com um grupo da terceira idade. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v.8, n.1, 2006. p. 17 – 24.

PEREIRA, Larissa Almeida; PEREIRA, Alexandre Vinícius da Silva; MORELLI, Graziele A. S. A importância do lazer da terceira idade: um estudo de caso em Ribeirão Preto. *Revista Digital*, Buenos Aires, n.98. jul 2006.

REZENDE, Ronaldo de. Afeto, velhice e lazer. *Licere*, Belo Horizonte, v.11, n.3, p.1-21, dez.2008.

RODRIGUES, Minéia Carvalho. O lazer do idoso: barreiras a superar. *Rev. Brasileira de Ciências do Movimento*, Brasília, v.10, n.4, p.105-108, out. 2002.

RUSCHEL, Ângela Éster. Envelhecimento e gênero – A construção de um Novo Tempo. In: CASTRO, Odair Perugini de (Org.) *Velhice, que idade é essa?* Uma construção psicossocial do envelhecimento. Porto Alegre: Síntese. 1998. p. 87 – 100.

SCHEUERMANN, Aniele Elis; ACOSTA, Marco Aurélio. Lazer na velhice: um estudo sobre a participação de idosos em bailes para terceira idade em Santa Maria – RS. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte* / Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Recife: CBCE, 2007.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. *Licere*, Belo Horizonte, v. 2,n. 6, p. 23-31, 2003.

SOUZA, Luciana Karine de. Uma Nova Chance: O Idoso na Universidade. In: CASTRO, Odair Perugini de. *Envelhecer : um encontro inesperado ?:* realidades e perspectivas na trajetória do envelhecente. Sapucaia do Sul: Notadez, 2001. p. 93 – 120.

SOUZA, Luciana Karine de. Amigo Velho, Velho Amigo: Amizade na Velhice. In: CASTRO, Odair Perugini de. *Envelhecer:* revisitando o corpo. Sapucaia do Sul, RS: Notadez, 2004. p. 69 – 86.

SOUZA, Luciana Karine de; GARCIA, Agnaldo. Amizade em idosos: um panorama da produção científica recente em periódicos estrangeiros. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, Porto Alegre, v.13, n.2. 2008. p. 173 – 190.

UVINHA, Ricardo Ricci. Lazer e qualidade de vida: um enfoque na faculdade da terceira idade – Faculdade de Educação Física de Santo André – FEFISA. *Licere*. Belo Horizonte, v.2, n.1, 1999. p.153 – 163.

VAROTO, Vania Aparecida Gurian; TRUZZI, Oswaldo Mário Serra; PAVARIM, Sofia Cristina Iost. Programas para idosos independentes: um estudo sobre seus egressos e a prevalência de doenças crônicas. *Texto Contexto Enfermagem*, 13(1), jan-mar 2004. p. 107-114.

Aline Oliveira Dias
Rua Guajajaras, 771, apto 1704, Centro, 30180-100 Belo Horizonte/ MG
liliudias@hotmail.com

Luciana Karine de Souza
UFMG - FAFICH Depto de Psicologia – Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, sala F – 4050, Campus Pampulha, 31270-901, Belo Horizonte/ MG
lucianak@fafich.ufmg.br

Recurso tecnológico necessário: material para projetar apresentação de slides através do Power Point.